

# Problema maior, a concentração de uma população carente

“A concentração de uma população de baixa renda em um único local, poderia ter sido evitada. Se os 14 mil barracos colocados em Ceilândia entre 1971/72 fossem divididos com outras cidades-satélites, como o Gama, Sobradinho e Taguatinga, haveria mais condições de integração”. A opinião é da administradora regional de Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia.

Segundo Maria de Lourdes, a concentração em uma única cidade como foi feito, sem infraestrutura, fez com que a população sofresse muito e os problemas enfrentados quase comprometem o projeto de erradicação. Embora ela ressalte que o projeto era um pouco diferente do Rio ou São Paulo, onde os favelados foram colocados em apartamentos de conjuntos habitacionais, “tem várias caracteristi-

cas semelhantes”.

Ela cita como exemplo de outro setor dentro do Distrito Federal onde também foram concentradas pessoas carentes e de baixa renda, a Vila Buritis, que enfrenta tantos problemas como Ceilândia. “Pela concentração de carentes, sem ser por livre opção, surge a conotação de marginalidade. As próprias pessoas se sentem marginalizadas”.

Outro projeto que fracassou em Ceilândia, de acordo com Maria de Lourdes, foi o de, atendendo a sugestão de um sociólogo, colocar as prostitutas removidas em barracos ao lado de famílias, com a idéia de que as próprias famílias poderiam pressioná-las a mudar de vida.

— Infelizmente ocorreu o contrário, e, com uma agravante: as prostitutas influenciaram os vizinhos. Por essa razão, ho-

je, estamos com vários problemas de segurança, doenças, aliamento de menores, drogas, alcoolismo, etc.

## PROMOÇÃO SOCIAL

Sobre o que deu certo em Ceilândia, Maria de Lourdes diz que, primeiramente, deve ser destacado o projeto de promoção social e humana dos moradores, oriundos em sua maior parte de favelas, mas que antes, viviam no meio rural. Segundo a administradora, “houve todo um trabalho de educação da comunidade, para viver em uma área urbana”.

Lourdes ressalta ainda a implantação do sistema educacional, que obedece uma filosofia de “escola comunitária”. “Faremos ainda um trabalho com as

mães dos alunos, com o pré-escolar e com as Associações de Pais e Mestres — APMs”.

Sobre o sistema de saúde, a administradora diz que atualmente é relevante e satisfatório. “Conseguimos a erradicação de doenças transmissíveis, como, por exemplo, surtos de sarampo, cachumba, tão comuns em outras épocas”. Destacou ainda como muito positiva, no que diz respeito à saúde, a vacinação canina e o trabalho das visitadoras sanitárias.

Outra “vitória” para Maria de Lourdes, “foi a integração dos órgãos governamentais com a comunidade”, através de associações de moradores, clubes de serviço, etc. Para ela, apenas a associação do Setor P Sul, “que tem seus objetivos voltados para

o lado político-partidário, não comunga totalmente com nossa administração. Apesar disso, eles participam de nossas reuniões”.

Maria de Lourdes finaliza falando sobre aquilo que não deu certo de princípio, mas que agora parte para uma solução: a implantação da infra-estrutura do Setor P. “Só nos dois setores, P Norte e Sul, estão sendo aplicados mais de quatro bilhões de cruzeiros. São obras que na sua maioria, como as redes subterrâneas, não aparecem, porque ficam embaixo da terra, mas que são muito importantes para os moradores. Não são de fachada, mas são úteis.

— Enfim, acredito que Ceilândia é uma experiência positiva.